

DESENVOLVER-SE COMO SUJEITO ATRAVÉS DO INGLÊS COMO LE: A PRODUÇÃO ORAL PARA ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

CÔRTEES, Letícia Martins

Mestranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG
Professora da rede pública Municipal e Estadual de ensino do estado de Goiás

leticia.mcortes@gmail.com

Resumo: Neste estudo, busca-se entender como é desenvolvido o conceito de agência na sala de aula de inglês como língua estrangeira (LE) por meio de atividades interculturais dialógicas bem como as percepções dos participantes em relação ao seu desempenho na produção oral de LE em sala de aula. Para tanto, este estudo investiga dois alunos do Ensino Médio de uma escola pública no Estado de Goiás pelo período de um mês em uma disciplina que enfoca a habilidade oral. Nessa disciplina foram trabalhados textos escolhidos pela professora/pesquisadora com base em temas que tinham um enfoque intercultural, incentivando os participantes a expor suas opiniões, refletir, e levantar hipóteses. Observa-se, depois desse estudo, que trabalhar temas interculturais e críticos, que exijam dos participantes a reflexão sobre a interação entre o Eu e o Outro, como propõe Bakhtin, é um procedimento adequado para que os aprendizes se tornem sujeitos na produção oral. Desta forma, podemos nos posicionar melhor diante dele, ouvindo suas vozes e projetando as nossas.

Palavras-chave: agência; habilidade oral; língua inglesa; dialogismo; interculturalidade.

Introdução

O presente estudo tem como principal motivação a busca pelo aprimoramento em aulas de língua estrangeira (LE)¹ com atividades que enfocam a habilidade oral. Isso se dá por saber, quando estudante, das dificuldades que perpassam

¹ Doravante, utilizaremos a forma abreviada LE para designar Língua Estrangeira.

o nosso íntimo quando temos que realizar atividades orais na LE. E agora, como professora, observo e ouço, constantemente, os anseios, temores e resistência dos meus alunos quando confrontados com a habilidade oral, embora tenham uma grande vontade em se expressar oralmente e se comunicar de forma “fluente”, como eles denominam. Logo, por meio dessa pesquisa, gostaria de buscar uma forma em que os meus alunos se sentissem mais confiantes nessa língua esquecendo essas angústias e deixando se envolverem por ela para desenvolverem-se nela.

O trabalho baseia-se na análise da participação em relação às discussões executadas em pares, grupos ou com a sala toda e como elas influenciaram os participantes em suas atitudes em relação à sua produção oral em sala de aula. Além das discussões, a análise se fundamenta também nas interações com os colegas em LE, na troca de informações, na exposição e defesa de seu posicionamento e na expressão de suas identidades, uma análise mais exterior, para observar desempenho na língua desses alunos, a sua segurança. Observa-se também uma análise mais interior, o que o aluno sente quando se expressa, por que ele não se expressa determinadas vezes, como poderia ser diferente e como o professor pode ajudá-lo para que isso ocorra. Para isso, fundamento esse artigo no dialogismo de Bakhtin e na teoria sociocultural de Vygotsky, que objetiva mostrar de que forma os diálogos contribuem para o desempenho do aluno, assim, através da interação, a aprendizagem ocorre, e que o aluno, ao trabalhar na língua, ele torna-se agente, projetando a sua voz.

Assim, as perguntas que nortearão este estudo são:

- a) Como é desenvolvido o conceito de agência na sala de aula de inglês como língua estrangeira?
- b) Quais são as percepções dos participantes em relação ao seu desempenho na produção oral de LE em sala de aula?
- c) Quais estratégias podem ser utilizadas para desenvolver a agência na habilidade oral dos alunos?

Com intuito de sustentar teoricamente o trabalho, nos reportamos aos estudos de Bakhtin, bem como em outros autores que discutem sua teoria, tais como Brait (2005), Faraco (2009), Freitas (1994), Marchezan (2006), Marchenkova (2005), entre outros.

Trata-se de uma investigação qualitativa de três atividades de discussão na qual dois alunos de uma disciplina com foco na habilidade oral participam na mesma turma.

A seguir, passemos para as leituras que embasam o nosso trabalho e discussões.

1. Fundamentação teórica

Para compreender melhor a troca que se dá no ambiente da sala de aula e melhor conduzir a pesquisa, fundamentamo-nos nos construtos referentes à dialogia de Bakhtin e à teoria sociocultural de Vygotsky. Primeiramente, discutiremos alguns conceitos que serão estritamente relevantes para a compreensão de nossos estudos.

A conceituação de língua para Bakhtin implica em duas formas de entendimento da língua como língua estrangeira. Primeiro essa conceituação nos ajuda a observar a língua como uma ferramenta de sobrevivência, com a qual expressamos o nosso mundo interior, o mantemos e damos forma a ele de acordo com a nossa vontade. Assim, quando usamos a língua para participar de atividades, refletimos, dessa forma, o nosso entendimento sobre o mundo e os contextos culturais existentes. E assim, agimos tais quais “atores” na língua, usando-a. A segunda conceituação se dá ao identificar a aprendizagem na interação e não na cabeça do aprendiz. Aprendemos signos carregados de significados contextualizados, em lugares apropriados, e não formas estruturais solitárias descontextualizadas definidas pelas forças econômicas, políticas e históricas (Hall *et al.*, 2005).

Logo, para Bakhtin (2003), o diálogo é composto pelo enunciado, pela resposta e o mais importante: a relação entre os dois. Este olhar no aspecto relacional da língua enfatiza o partilhar da experiência humana, a simultaneidade do eu e do outro, e a relatividade do sentido/significado. Para ele, interpretar o diálogo inclui, acima de tudo, todo o diálogo entre a mente e o mundo (por esses diálogos os dualismos artificiais entre o eu e as outras esferas do ser são quebradas). O eu se torna fruição como resultado dos encontros dialógicos durante o processo de socialização através da língua nos estágios iniciais de desenvolvimento, e ele é regularmente renegociado através do espaço da vida (PLATT, 2005). Dentro desses parâmetros teóricos, a atividade humana de fazer sentido é intrinsecamente ligada às interações sociais que acontecem em um

contexto específico, seja ele social, cultural e político e em um momento específico na história.

O princípio dialógico permeia a concepção de linguagem e, talvez, de mundo, de vida. Ele é o princípio constitutivo da linguagem e o que condiciona a existência do discurso. Quando acontece a interação verbal, estabelece-se o dialogismo interacional entre o eu e o outro, ou seja, não há um que se estabelece no centro, mas duas ou mais vozes sociais que se estabelecem, tornando os sujeitos históricos e ideológicos. Segundo Faraco (2009, p. 21-22),

O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valores diferentes, [...]. E essas diferenças são arquetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos.

Assim, como observamos no fragmento anterior, Faraco ressalta a importância dessa intersecção de valores, de pensamentos, sentimentos, pois é no conhecimento do outro que entendemos como pensamos, como agimos e como o outro nos influencia e vice-versa.

O diálogo elabora a reflexão, estabelece a alternância de enunciados, os acabamentos, entre os sujeitos falantes, entre diversos posicionamentos. A existência humana, para Bakhtin, está extremamente ligada com a voz que o indivíduo tem. Através dessa voz, o sujeito expressa seus pensamentos, suas emoções, suas idéias. Mas a voz não serve só para ser um eco, ela é principalmente um pré-requisito para a consciência. “Enquanto uma pessoa está viva, ela vive pelo fato de que ela ainda não está concluída, que ela ainda não proferiu sua última palavra.” (VITANOVA, 2005, p. 153)

Apesar de Bakhtin não ser o único que discute que a formação do sujeito encontra-se nas práticas de linguagem, há dois conceitos centrais que faz a filosofia de Bakhtin distintas das demais: o conceito de diálogo e de resposta. Vitanova (2005, p. 252) nos diz que,

Diálogo aqui não é o limite para a ação, é a própria ação. Não é um meio para revelar, para trazer à tona o personagem já pronto de uma pessoa: não, no diálogo de uma pessoa não só se mostra fora de vigilância, mas ela se torna pela primeira vez quem ela é.

No diálogo, o eu responde à ação do outro, pois

[o] diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva. (Bakhtin, 1986, apud MARCHEZAN, 2006, p. 116)

Assim, a experiência verbal individual do homem se desenvolve através da contínua interação com o outro, visto que o outro influencia através de sua expressividade, de seu tom valorativo, e o sujeito assimila, reestrutura, modifica, e “é no ponto de contato destas vozes-consciências que a ideia nasce e vive”, (PLATT, 2005, p. 121)

Tanto para Bakhtin como para Vygotsky, a aprendizagem de uma língua está relacionada às vivências e práticas sociais que são reiteradas no coletivo, para então serem internalizadas. Vygotsky (2005) que enfatiza o fazer sentido como um processo fundamental de transformação (ferramenta e resultado), e é uma pré-condição para que a língua aconteça.

Outro conceito de Bakhtin que se configura fundamental nesse trabalho é o conceito de agência. Vitanova nos apresenta esse conceito da seguinte forma:

Um sentido de si mesmo como alguém que pode ir além do significado dado em qualquer discurso e forjar algo novo, através de uma combinação de discursos anteriormente não relacionados, através da invenção de palavras e conceitos que capturam uma mudança na consciência que está começando a ocorrer, ou por não imaginar o que é, mas o *que pode ser*. (VITANOVA, 2005, p. 152)

E, além dessa criatividade e dessa confiança, a agência se configura quando o sujeito falante também se sente capaz de contestar as vozes dos outros e ter essa resistência perante o outro e mostrá-la, sendo agente, sujeito nessa outra língua e mostrando o seu discurso. Dessa forma, mesmo que o aprendiz não saiba a língua estrangeira de forma fluente, ele pode comunicar-se, colocando a sua opinião, defendendo o seu ponto de vista através de estruturas aprendidas, através da expressão corporal facial, dos gestos, e de possíveis comentários que eles venham a fazer através da língua materna em relação ao tema. Vitanova ainda nos diz que através da ação de “ser sujeito” nessa outra língua, o aprendiz desafia, contesta e resiste às vozes mais autoritárias do outro e a forma pela qual o Outro se posicionam, defendendo assim o seu discurso. Expressar-se oralmente não é uma simples tarefa, haja visto que a fala tem

dois lados concomitantemente relacionados, há uma resposta ao que precedeu e antecipa o que está por vir. Logo, Bakhtin afirma que quando falamos, fazemos duas coisas: criamos contextos de uso pertencente à nossa fala, e, ao mesmo tempo, criamos um espaço específico para a nossa própria voz.

Ser agente é importante, pois ser um indivíduo é sinônimo de ter voz, ser ouvido, ser respondido e responder (VITANOVA, 2005). Dessa forma, o indivíduo reestabelece a sua voz. E esse aspecto não fica circunscrito a uma disciplina de LE, transcende, e influenciando a voz do indivíduo-aprendiz, como diz Bakhtin, ela influencia no desempenho em outras áreas, como em nosso caso na LE.

Para trabalhar com os conceitos de dialogismo e agência, a interculturalidade, trabalhada por Bakhtin através das diferentes concepções dos interlocutores sobre os “de fora”. Essa proposta torna-se bastante interessante, pois ela incentiva o diálogo e confronta algumas idéias sobre o “eu”, as identidades e as diferenças entre as outras identidades e saber dialogar, entender as múltiplas vozes e diálogos envolvidos na comunicação.

Logo, a interculturalidade, ao contrário de ser uma limitação, ela incentiva os sujeitos a buscarem entender o próprio eu e o outro e a traçarem um diálogo para compreender melhor a perspectiva do outro. Assim, o mundo se configura como um lugar não finalizado, não totalmente descoberto e compreendido. E compreender pela ótica do outro é uma experiência enriquecedora. Portanto, para Bakhtin (1986, apud Marchenkova, 2005, p. 179), “um encontro dialógico entre duas culturas não resulta em fusão e mistura. Cada uma retém a sua própria unidade e abre totalmente, mas elas são mutuamente enriquecidas.”² Assim, através de temas interculturais, pretendemos observar os aprendizes em relação à sua subjetivação na LE através do dialogismo. Bakhtin (1992) nos diz que a palavra tem duas faces, uma delas é que a palavra é proferida por alguém, e a outra é que a palavra é dirigida para alguém. Assim, percebemos que o diálogo, através da palavra, compõe a interação do locutor e do ouvinte.

2. Metodologia

² Tradução nossa.

Objetiva-se através desse trabalho compreender como a interação contribui no processo ensino-aprendizagem de inglês como LE para que o aprendiz torne-se agente nessa língua, manifestando-se com criatividade, segurança e expondo a sua voz. Essa observação acontecerá através de temas interculturais, para que os alunos sejam incentivados a dialogar, discutir, ouvir as diversas vozes presentes nos discursos e manifestarem sobre elas de forma segura, ou seja, expondo sua opinião através da língua.

Por esse motivo, foi realizado um estudo de caso para entender certas questões cotidianas na turma de LE, e, assim, essa observação pode expandir e ser ampliada para outros contextos com características semelhantes.

Para tanto, este estudo investiga dois alunos, com nomes fictícios Ana e Lara, do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública no Estado de Goiás, pelo período de um mês, em uma disciplina que enfoca a habilidade oral. Na mesma sala havia mais vinte e três alunos, além da pesquisadora que também era a professora da turma. Tínhamos por semana duas aulas, as quais se concentravam em uma tarde e tinha a duração de 1h 30min.

Antes de iniciar a pesquisa, foi pedida a autorização da diretora e da coordenadora para pesquisas na escola, bem como a autorização dos alunos e, por ser menores de idade, a autorização dos pais, no que fomos prontamente atendidos.

Para atender os objetivos da pesquisa, foram trabalhados textos escolhidos pela professora/pesquisadora com base em temas sugeridos pelos participantes, para que eles se sentissem mais incentivados a participar. Esses temas tinham um enfoque intercultural e atual, incentivando os participantes a expor suas opiniões, refletir sobre temas, levantar hipóteses. Logo, foi analisado como essas atividades executadas em pares, grupos ou com a sala toda influenciaram os participantes em suas atitudes em relação à sua produção oral em sala de aula.

Para realizar a pesquisa foram realizadas gravações das aulas, *journals*, escritos pelas alunas, depois de todas as aulas para compreender o sentimento dos aprendizes depois da aula, entrevistas semi-estruturadas e *stimulated recall*, para voltar em algum fato que chamou a atenção durante a aula ou mesmo no diário realizado com os alunos.

3. Discussão dos dados

A seguir será apresentado a análise das observações ocorridas durante a entrevista semi-estruturada, ressaltando a importância do tema que incite o aprendiz a desejar se manifestar e partilhar as suas opiniões. Como veremos, mesmo com todos os obstáculos que eles assinalam na hora de manifestarem-se oralmente. Assim, a relação ensino-aprendizagem desenvolve-se de uma forma natural para eles.

3.1. *A agência e a sala de aula*

Ser agente em sala de aula está relacionado com um senso de que o eu pode se expressar através da língua indo além do significado usual de determinado discurso, mas tentar algo novo, através de palavras, discursos, conceitos combinados para mostrar o sujeito no discurso. Bakhtin (1986) diz que o eu nunca é finalizado, ele está sendo sempre “atualizado”. E essa capacidade de organizar as palavras, discursos e conceitos, uma possibilidade infinita, mostra a criatividade do eu, que vai além do que é aprendido. Além disso, através dessas imagens, palavras, conceitos e discursos, é possível perceber quem é o autor, e ouvir a sua voz, e as demais, no discurso. E quando o eu se torna agente em sala de aula, ele transmite essa voz, com o discurso criativo, no qual é possível posicionar-se à respeito de algum tema, refletir, negociar, modificar e resistir a sobre diferentes pontos de vista.

Bakhtin fala da língua como uma ferramenta de sobrevivência, e nesses contextos de discussão, é imprescindível que seja trabalhado com o aluno esse foco na mensagem, na tentativa de passar a mensagem através da língua e de realmente usá-la como instrumento, e não o oposto:

- [1] → Pesquisadora: Você sente vontade de participar em sala de aula nas discussões propostas?
Ana: (Risos...) Não sinto à vontade para me expressar, pois não sei muito vocabulário e é difícil quando você não sabe, você tem que juntar as palavrinhas, juntar as frases. Em português, eu tenho vontade de participar. Em inglês não.
Lara: Eu sempre converso na sala, mas tem vezes que eu nem entendo a pergunta, mas eu adoro participar. Mas quando eu consigo, eu falo em inglês, e quando eu não sei, em português. E também quando não sabe como pronunciar a palavra, os tempos verbais

Nesse trecho, vemos que as alunas ainda estão focadas na estrutura linguística e em sua formação e não na mensagem que a língua vai passar. Para ser sujeito na

língua e agente, há que se considerar que não se deve ter pleno conhecimento da língua, mas a atitude para trabalhar com o que se tem e transmitir essa mensagem.

Os alunos, ao se expressarem de forma oral, já se sentem acuados, e em outra língua, isso é reforçado em muitos casos. Entretanto, quando é trabalhado um tema que os convida à reflexão e que eles sentem que podem contribuir, a vontade torna-se maior que as dificuldades aparentes:

- [2] → Pesquisadora: Quais os temas da aula que vocês mais se interessaram e por quê?
 Lara: Eu não participei na aula que foi sobre música, porque a aula foi mais uma conversa, vídeos, uns textos no datashow e eu não pude me preparar. E eu gosto de participar é quando eu leio, me preparo e posso perguntar para os meus colegas. Aí eu me sinto mais confiante. E na sala tinha muita gente, e eu fico com vergonha, e eu não conheço muitos colegas.
 Sobre o estrangeiro (*que falou mal sobre o país em relação aos estádios*), eu gostei de participar, porque é ruim a gente vê alguém falando mal da gente. Todo país tem ponto negativo e positivo. E eles não querem ver o nosso ponto positivo, só o nosso. E a gente ainda reverencia. Eu fiquei chateada de ver aquilo.
 Sobre os temas, eu achei interessante, porque são atuais e não são aqueles de sempre: drogas, aborto, bullying.

Ao analisarmos o excerto 2, observamos a importância de escolher temas que sejam relacionados ao contexto, que façam algum sentido e que inspirem uma vontade de se manifestar. Nesse texto mencionado por Lara, eles se sentiram “ofendidos” por ouvir um americano falando mal do Brasil e da organização relacionado à Copa do Mundo de 2014 (anexo A, anexo B), e Vitanova retoma em seus textos a importância de ser agente, de saber defender seu ponto de vista na LE. E assim eles se sentiram, desafiados.

E nos excertos 3 e 4, que são partes da entrevista, elas falam sobre a ânsia de se sentirem mais capazes de organizar um discurso em LE e poderem se expressar, e manifestar se concorda ou discorda, e porquê:

- [3] → Pesquisadora: Você se comunica em inglês na sala com os seus amigos?
 Ana: Diálogos em inglês só com a *teacher* ou brincando com os colegas. Mas costuma ser mais em português. Minha participação ideal seria toda em inglês, montar as frases corretamente. É importante a gente participar, mas se falar toda hora fica chato. E depende do assunto, e nem a aula de português eu falo. (*entrevista*)
- [4] → Pesquisadora: E se um colega seu aqui, estrangeiro, que fala inglês, falar algo que você não gosta, o que você faz?
 Ana: Se eu tiver com raiva eu faço careta. Algumas palavras eu consigo montar uma frase, falar o porquê, não de forma escrita. A gente entra muito na net, a gente ouve música, vê seriados e isso ajuda algumas coisas. Mas se alguém falar algo que eu não gosto, eu dou conta de falar “I disagree, because, because, because...” e não termino a frase. (risos) (*entrevista*)

Aqui observamos que mesmo rindo, elas se sentem mal por pensar que se caso ocorra uma situação em que há discordância de um ponto de vista, como exposta no excerto 4, elas não saberão mostrar a sua voz, se colocar.

A seguir, nos excertos que são partes dos *journals*, as alunas falam sobre a aula do dia, como se sentiram e o porquê:

- [5] → Lara: Nessa primeira aula eu participei porque o foco era música e eu gosto. Eu me senti confortável. Para eu participar mais eu teria que ser menos tímida e ter menos medo de errar. Mas mesmo assim, eu estou satisfeita comigo na sala de aula. Na atividade em grupo eu participei, porque eu conhecia eles, então eu falei, só que em português. (*journals*)
- [6] → Ana: Eu falei pouco porque eu não sei inglês muito bem. Eu me senti bem participando um pouco, mesmo que em português, porque a maioria são minhas amigas. Elas me ajudam muito. Eu gostaria de melhorar, porque eu sei que eu tenho condição. Eu estou satisfeita na aula, porque ela é boa e não me obriga a ter que falar. Só quando tenho vontade, eu falo. O tópico da aula de hoje (*música*) foi bom, porque é do nosso dia-a-dia e eu gosto, a gente sabe, tem opinião. (*journals*)

Vemos que elas preferem observar, escutar mais do que falar. Salvo quando o assunto é do dia-a-dia e elas mostram esse interesse que ultrapassa esse sentimento que elas cultuam em não saber a língua. Elas preferem o seguro a arriscar, o português a LE.

3.2. *O Eu e o Outro: dialogismo e interação na sala de aula*

Bakhtin e Vygotsky entendem o diálogo como ferramenta fundamental no processo de formação do eu, pois ela forma e transforma o sujeito. Para Bakhtin, o indivíduo é incabado, um sujeito mutável e durante o processo de diálogo, esse processo dinâmico, o indivíduo se enriquece através do contato com o outro. Para Vygotsky, o eu participa no processo de aprendizagem, transformado pelo diálogo. Bakhtin (1986) aponta que o papel do ouvinte, na hora do diálogo, não é a de ouvintes passivos, mas participantes ativos na comunicação.

Para tanto, durante as discussões, foram feitos grupos menores, de quatro alunos, para que elas pudessem ser melhor observadas em relação à interação na hora da discussão e da resposta das atividades. No excerto 7, é possível ver esse processo, quando no decorrer da discussão, elas se ajudam mutuamente para resolver o exercício. Esse processo é uma constante nas salas durante atividades escritas e orais. Percebemos

que ao formularem, tentarem responder os exercícios e vão, como um “quebra-cabeça” organizando o sentido da sentença, elas se sentem alegres.

[7] → Ana: como eu falo que “eu me sinto mal”?
 Lara: eu acho que é “I feel bad”...
 Ana: então fica “I feel bad” né, “because I like my country and don’t like that NINGUÉM...”
 Lara: “anybody talk bad” o quê?
 Ana: “the place I live.”
 Lara: tá bom né?
 Ana: vamos perguntar para a professora...

[8] → Ana: como eu falo “educado”?
 Lara: eu acho que é “polite”...
 Ana: agora eu quero falar que nós, brasileiros, somos educados com os americanos e eles não são com a gente. Como que eu falo?
 Lara: nossa...
 Ana: agora é palavra por palavra, vamos tentar né.
 Lara: Brazilian persons are polite, but they are not polite with Brazilian.
 Ana: nossa, a frase parece que ficou tão pequena...

Nos excertos 9 e 10, elas já discutiram leram os textos de apoio, discutiram em em dupla e sentem-se mais confiantes em expor sua opinião junto à colega, pois há a colaboração, o diálogo para ajudar, confirmar as hipóteses e construir o discurso, como veremos a seguir:

[9] → Ana: If it was me, I would (eu posso falar assim?) tell many things about Brazil, good things about my country... I will defend my country.
 Lara: Yes, I want too defend Brazil. We are rich, we have many things, and the talk this things about Lula, what they know?
 Ana: I agree with Joe (anexo B), eles não sabem nada... America is corrupt and have problems with China.
 Lara: Yes, America is broke. (risos...)
 Ana: Acho que é “broken”...
 Lara: hum...

[10] → Lara: A gente pode começar por “I think” né? Então, I think Brazil will do a big party in... como que fala “Copa do Mundo” ?
 Ana: World Cup.
 Lara: Isso. Então... A big party in World Cup because our country is beautiful, have beaches, beautiful and nice people...
 Ana: We are... igual a música do Bruno Mars... We are lazy... demora um pouco né...
 Lara: Yes, we are lazy but we can do.

Assim, vemos que trabalhando em duplas, as alunas tiveram chance de discutir sobre suas dúvidas, trocar idéias e compartilhar com os outros o conhecimento.

Assim, há o apoio mútua, o encorajamento a expor sua voz na LE com a ajuda da colega.

No excerto a seguir, foi trabalhado um texto (anexo C) com o objetivo de discutir as nacionalidades e os esteriótipos relacionado a elas. Sobre isso, as alunas discutem:

- [11] → Ana: I don't know... I agree a little...
 Lara: Why?
 Ana: "Heaven is having a British home"... I don't know how is a British home... I like my home... "a German car...", I don't know cars... "American's salary..." (risos)
 Lara: hum... American's salary is good... we can see in movies... is good, como que fala, que é melhor?
 Ana: tem que usar o comparative... coloca -er quando a palavra é pequena... gooder?
 Lara: não sei não... tá estranho... não é best?
 Ana: lembrei! Termina com -er, então é better...
 Lara: ahhh então, American's salary is better than Brazil.
 Ana: Japanese food? Oh God... I don't like Japanese food... this is the hell for me...
 Lara: yes... I don't like...I prefer Brazilian food... pequi... galinhada... hum... delicious... (risos)
 Ana: (risos)
 Lara: O que foi?
 Ana: Brazilian lover... humm... I don't know... I prefer a Spanis... a Don Juan... and you?
 Lara: Of course... perfect! (risos)
 Lara: "Hell is having a Japanese home..." I agree... it's strange... so little... "...an American car", I don't know about car... but I want have a car... (risos)
 Ana: "a Brazilian's salary"... (risos) oh my God... todo mundo lê isso, até quem é de fora do Brasil? Coitado da gente!
 Lara: É... poor Brazilian...
 Ana: "German food"... I don't know German food... what they eat? I know that party, Oktober fest, but I don't know the food.
 Lara: "British lover..." it's difficult... they're so serius... they're cold...
 Ana: Yes... they don't... sorri... como é...
 Lara: acho que é "smile"
 Ana: pois é... I don't want to kiss them... (risos)
 Lara: isso é o tal dos estereótipos que nós falamos na sala...
 Ana: é... é complicado isso, porque a "prof." disse que tem um fundo de verdade e que é preciso pesquisar, mas não devemos encarar como verdade...
 Lara: é... igual o pessoal de fora chamar Goiânia de "roça asfaltada", tem uma verdade, se a gente olhar a história... mas agora não é assim mas não...
 Ana: e não é mesmo. [...]

Nesse excerto, percebemos que as alunas discutiram na LE o texto sobre esteriótipos e discutiu um pouco, mesmo que em língua materna, sobre eles. Além disso, pode ser observada a ajuda mútua, o encorajamento, o conhecimento

compartilhado e o interesse no tema por parte das alunas sobre a interculturalidade, proposta importantíssima para ser trabalhada em LE.

4. Considerações finais

No que se refere às perguntas norteadoras deste estudo, observamos durante a análise realizada que o processo de agência na sala de aula de LE desenvolvido pelos alunos ainda deve ser mais explorado pelo professor. Para quebrar essa barreira que ainda se faz bastante presente em sala de aula, é preciso certos estímulos, como temas diferenciados, discussões, debates, entre outros, para que eles não vejam como prioridade, como o “esperado”, a língua com estrutura rebuscada, e se esqueçam da língua para expor se comunicar, expor a voz em seus discursos.

Por esse motivo, e respondendo à segunda pergunta de pesquisa (as percepções dos participantes em relação ao seu desempenho na produção oral em LE), as percepções em relação ao próprio desempenho é insatisfatória. Eles cultuam o mito do falante nativo, exigem perfeição e, por não ter o perfil do falante nativo, uma vez que não o são, é como se nunca fossem atingir um patamar exigido por um ser que sequer existe. E isso acaba influenciando no próprio desempenho. Como eles já são mais maduros, eles exigem de si mesmos que se expressem em LE com a estrutura equivalente à utilizada em língua materna, uma estrutura mais rebuscada, mais elaborada.

A terceira e última pergunta de pesquisa tratou das possíveis estratégias que podem ser utilizadas para desenvolver a agência na habilidade oral dos alunos. Depois da pesquisa, percebemos que trabalhar temas interculturais e críticos, que exijam dos participantes a reflexão sobre a interação entre o Eu e o Outro, como propõe Bakhtin, é um procedimento adequado para que os aprendizes se tornem sujeitos na produção da LE que estão aprendendo, tanto no contexto da sala de aula quanto fora dela. Além disso, trabalhar em pares, em grupos, incentiva o estudante a compartilhar opiniões, dúvidas e, assim, eles se ajudam mutuamente. Esse processo confere segurança ao aluno e o faz sentir-se capaz de interagir com os colegas por meio do inglês, na troca de informações com seus colegas, na exposição de seus posicionamentos e na expressão de suas identidades.

Conclui-se que estas sejam estratégias eficazes para incentivar o desenvolvimento da habilidade oral através de um contexto pós-moderno, no qual a língua não se configura simplesmente como código, mas como uma ferramenta, como uma forma de acesso ao mundo para expressar-se de forma inteligível. Aprender de forma dialógica é levar em consideração as diversas culturas e identidades de cada um, é, também, considerar as inúmeras interações entre a nossa cultura e a cultura da LE, a forma como vemos o Outro e como ele nos vê. Desta forma, podemos nos posicionar melhor diante dele, ouvindo suas vozes e projetando as nossas.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P. de.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Editora da USP, 2003. p. 01-09

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Introdução - A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de S.R. Netz. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15-41.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

IDDINGS, A.C.D.; HAUGHT, J.; DEVLIN, R. Multimodal representations of self and meaning for second language learners in English-dominant classrooms. In: HALL, J.K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning: new perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005, p. 33-53.

FREITAS, M. T. de A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. São Paulo: Papirus Editorial, 1994.

_____. Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005. p. 1-8.

HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. Introduction: dialogue with Bakhtin on Second and Foreign language learning. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreing language learning: new perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 01-08

MARCHENKOVA, L. Language, culture, and the self: the Bakhtin-Vygotsky encounter. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 171-188.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-132.

NUNAN, D. *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PLATT, E. “Uh Uh No Hapana”: intersubjectivity, meaning, and the self. In: HALL, J.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning: new perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 119-147.

SERRANO, G. P. El Método del Estudio de Casos. Aplicaciones Prácticas. In: _____. *Investigación Cualitativa. Retos e Interrogantes. I Métodos*. 2.ed. Madrid: La Muralla, 1998. p. 79-136.

TEIXEIRA, M. T. O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006. p. 227-234.

VITANOVA, G. Authoring He self in a non-native language: a dialogic approach to agency and subjectivity. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 149-169

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Anexos

ANEXO A

Brazil 2014: “Stadium Budgets That Border On Complete Fiction”

(adapted from: <http://theshinguardian.com/2011/02/22/brazil-stadiums-budgets-that-border-on-complete-fiction/>)



While the clock is counting down to the 2014 World Cup, Brazil hurries to get the necessary infrastructure in place to host the tournament. A recent report by the Tribunal das Contas da União

(TCU, Brazil's Federal Accounting Authority) has indicated that many of Brazil's World Cup projects are being conducted with a gross lack of transparency, a lack of concrete planning, and exploding budgets. The main targets of the TCU report are Rio's Maracanã and Salvador's Novo Fonte Nova, stadium projects which have jumped into the billions.

The report was firm in declaring that the Maracanã stadium's contract process was completely opaque and that the budget "borders on complete fiction". The TCU highlighted the fact that while the Mineirão stadium project in Belo Horizonte presented 1309 architectural drawings and the Verdão project in Cuiabá presented 702, the Maracanã presented 37. In the budget for the Maracanã, "multiple items are included multiple times, there are innumerable opportunities for inflationary costs to be written in, and items included in the engineering budget have nothing to do with engineering."

One of the reasons we can expect more of the same in Rio is that the majority of the people who were in charge of the 2007 Pan American Games are in directorship positions for the 2014 World Cup and 2016 Olympics. The Pan American games were ten times over budget and were the subject of multiple processes from the TCU. The TCU, condemned Ricardo Leyser (head of the Pan construction projects and now head of the Empresa Brasil 2016, responsible for Olympic construction), noted in their report that there is a risk of "added contractual costs, over-charging, un-necessary projects, and emergency contracting procedures that will follow in the pattern of the Pan 2007." The report cites the case of the Nova Fonte Nova in Salvador, whose price went from R\$ 400 million in 2009, to R\$ 591 million in 2010, to an estimated R\$ 1.6 billion in 2011. The Maracanã started at R\$500 million in 2009 and has now climbed to around R\$ 1.1 billion.

The problems in *all* of the World Cup cities were cited in an O Globo report (in Portuguese). It is important to remember that when discussing cities such as Natal, with little or no national-scale football tradition, that Brazil has been preparing to host the World Cup since 2007. Natal's project involves demolishing the current, functional stadium (Machadão) and building the Arena das Dunas for R\$ 400 million (US\$ 250 million). The project has yet to go through the public contracting process, has hired consultants without open bidding, and is now under the watchful eye of the TCU. The lack of public transparency mechanisms in Brazil is endemic of the nation and a continuing problem. There is a law in waiting that will establish more transparency in public spending, but it has been stalled in the congress for some time.

Nearly all of the games of the Campeonato Carioca are being played at the Engenhão. Indeed, all of Rio's teams are going to be playing their big matches in Engenho de Dentro until 2016. Once the Novo Maracanã is finished, sometime towards the end of 2013, it will be used sporadically for *clássicos* in order to test new security systems and general functioning in the months leading up to the World Cup. After the World Cup, the stadium will undoubtedly suffer more investments in preparation for the 2015 Copa América and 2016 Olympics. Then, when Rio's real-estate bubble bursts and the only people who can afford tickets to the Novo Maracanã are jumping off of their *coberturas*, who will go to the games? Not that the teams really want fans to go anyway as only 8% of their income results from ticket sales. (Last year, Flamengo offered tickets for R\$10, filling the Engenhão and recording their

highest receipts of the year, yet the club said that this was not a viable economic model because, “it’s complicated”).

In other news, two of the major infrastructure works being planned for the World Cup have been paralyzed for lack of transparency in their contracting process. Rio Metrô has had their Linha 3 project stopped and São Paulo’s Garulhos (international) Airport has been halted. The latter is perhaps the most critical link in the entire World Cup construction process as São Paulo is the main point of entry to Brazil. Will Brazil be able to pull all of this together in time and if they do, what will be the cost, and who will pay? If it results in anything like what happened in South Africa, the outlook for Brazil is not encouraging.

ANEXO B

Comments on the text

❑ Posted by Gabriel on 2011/05/01 at 11:02 AM

Calm down everyone... Brazil,yeah,it’s quite late but nothing to lose the FIFA 2014 WORLD CUP. transportation like bus,taxis,subways are ok.Airports need a big investments and we do have money but the burocracy as enviromental problems,and a lot of investigation to prevent corruption.BUUUT,some brazilian politians are doing this on purpose for gaining money from the black market as some bulding companies.Nothing that we dont see in Brazil.FIFA will not change the world cup for another country because BIG brazilians companies as SEARA,OI,ITAU and etc have already payed bilions for merchandising.All we have to say is to have some pacience.Sad but true.

❑ Posted by André Felipe Souza Cecílio on 2011/03/09 at 10:49 AM

Welcome to Brazil, folks. This is how the things go on here when it involves the politicians.

❑ Posted by jo on 2011/03/11 at 8:21 AM

Lulla’s Brazil was a Fairytale. There’s no money for the OG and WC, but for former president Lulla’s sons and friends money isn’t problem...

❑ Posted by Joe Smith on 2011/04/28 at 2:03 PM

Of course Brazil will be prepared for the World Cup. I think you should use your time to discuss American Problems. Brazil is fine Thank you! That’s why your country is so broke now. You pay too much attention to other countries, You should invest ypur time not worrying about Brazil but about your corrupt government and your deficit with

China. America is broke and will be broke and consumed in debt that is owned by foreign countries.

ANEXO C

A worldwide version of the joke: Heaven is having a British home, a German car, an American's salary, Japanese food and a Brazilian lover. Hell is having a Japanese home, an American car, a Brazilian's salary, German food and a British lover.

Apêndices

APÊNDICE A – ACTIVITY TEXT 2

VOCABULARY - Brazil 2014: “Stadium Budgets That Border On Complete

Fiction”

1- counting down	() principais alvos
2- host the tournament	() falta grave de transparência
3- lack of transparency	() perspectivas
4- lack of concrete planning	() falta de plano concreto
5- main targets	() contagem regressiva
6- opaque	() nada a ver
7- architectural drawings	() sediar o torneio
8- nothing to do	() cabeça
9- in charge	() será capaz de puxar
10- directorship positions	() desenhos de arquitetura
11- over budget	() no comando
12- condemned	() posições de diretoria
13- head	() opaco
14- over-charging	() acima do orçamento
15- watchful eye	() excesso de cobrança
16- receipts	() condenou
17- halted	() olhar atento
18- be able to pull	() receitas
19- outlook	() interrompido

APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMI-DIRECIONADA

1. Nome:

2. Idade:

3. Nacionalidade:
4. Há quanto tempo você estuda inglês?
5. Você já morou/viajou em algum país em que o inglês é falado como primeira ou segunda língua? Qual (quais)? Por quanto tempo?
6. Você costuma interagir com nativos de língua inglesa? De que forma?
7. Além do inglês, você já estudou outra língua estrangeira? Qual (quais)?
8. Você considera importante o ensino de aspectos culturais aliados à língua estrangeira? Como você percebe o ensino da cultura estrangeira na sala de aula? De que forma ele é promovido? Você acha que o aspecto cultural em sala incentiva a aprendizagem?
9. Como você relaciona sua língua materna (português) à língua estrangeira, no caso, o inglês? Quais são seus sentimentos em relação ao português e ao inglês?
10. Levando-se em consideração suas experiências como aprendiz/falante de inglês, como você se sente sendo um (a) brasileiro (a) falando inglês? Como você avalia o seu uso da língua estrangeira? Como você avalia o seu desempenho oral em língua inglesa?
11. Quais são as suas expectativas em relação às interações que você desenvolve com seus colegas de sala e com o professor de inglês? O que você espera aprender por meio destas interações? Por quê?
12. O que mais te interessa nessa língua? Qual a sua motivação para aprendê-la?
13. Aprendendo a língua, como você se vê utilizando-a? Onde, como e com qual desempenho?

APÊNDICE C – *STIMULATED RECALL*

Foco na 2ª aula: **Brazil 2014: “Stadium Budgets That Border On Complete Fiction”**

- ✚ O que você se lembra da aula?
- ✚ Qual o objetivo dela?
- ✚ É um tema que se tem algo a ser dito?
- ✚ Você sente-se à vontade para opinar? Por quê?
- ✚ O que você acha sobre ouvir um estrangeiro falar sobre o seu país dessa forma?
- ✚ Como você se expressou ao ler o texto?
- ✚ Você percebe trocas de informações sobre cultura entre os participantes, participantes, eu digo, professor e alunos, nas aulas de inglês?

- ✚ Você contribui pra que essas trocas de informações sobre cultura aconteçam? Caso positivo, de que forma você contribui? Caso negativo, por que você não contribui?
- ✚ Como você se sente ao ver alguma opinião contrária a sua?
- ✚ Como você se expressou? Em língua portuguesa ou em língua inglesa? Em voz alta, em voz baixa ou internamente e por quê? Como você se sente diante desses temas polêmicos? Você tem algo a dizer e o diz? Por quê?
- ✚ Você estabelece diálogos com os colegas, com o professor, com conteúdos já vistos?
- ✚ Como seria o ideal para a sua participação?
- ✚ E por que você acha que ainda não chegou lá? Qual a barreira que você vê?
- ✚ E como você fará para chegar?
- ✚ O que você já consegue em língua inglesa? Como você já consegue se expressar, ser sujeito em outra língua?
- ✚ Você consegue ser sujeito em outra língua? Se expressar, mostrar suas idéias, defendê-las?